



## USP ESALQ – DIVISÃO DE COMUNICAÇÃO

Veículo: ATP

Data: 14/04/2017

Caderno/Link: pag. A8

Assunto: "Atualmente sou chefe da unidade do Crea de Araraquara"

# "Atualmente sou chefe da unidade do Crea de Araraquara"

Na entrevista concedida a João Umberto Nassif, Sandra Fernandes Bandeira conta sobre a sua formação profissional, trabalho no Crea e seus três casamentos.

Sandra Fernandes Bandeira nasceu em São Paulo, em 24 de novembro de 1970, filha de Reinaldo da Silva Bandeira e Terécia Fernandes Bandeira que tiveram mais duas filhas: Cláudia e Márcia. Sua mãe é falecida há mais de 40 anos, sendo que seu pai contraiu novas núpcias. Sua segunda esposa já tinha uma filha, a Natália, que passou a ser a sua quarta filha (civilmente era padrinho), e mais uma nova irmã para Sandra.

**Qual é a profissão do seu pai?**  
Meu pai é desenhista projetista. Atualmente atua como consultor.

**Seus primeiros estudos foram feitos em que local?**

Quando eu tinha cinco anos, nos mudamos para Americana. Meu pai trabalhava na Philips, que já estava com uma unidade em Piracicaba, minha mãe tinha uma tia em Americana. Meus pais decidiram se mudar para Americana, que não é tão longe de Piracicaba, ao mesmo tempo em que ela tinha algum suporte da família, não estaria tão sozinha em uma nova cidade. Meu pai fazia essa viagem todos os dias de Americana a Piracicaba. Permanecemos em Americana por nove anos. Quando a minha mãe faleceu, viemos para Piracicaba em 1984. Em Americana estudei no Colégio Dom Bosco até a sétima série, a oitava série eu cursei em um colégio Estado que em frente a minha casa.

**Tinha que implantar a cultura de ter plantas naturais dentro de casa**

**Você lembra-se do nome da sua primeira professora?**

Era a Tia Inês! A segunda era a Tia Maria Aparecida, do terceiro ano era a Tia Leila e do quarto ano era a Tia Amélia, que há pouco tempo nos reencontramos através do facebook. Passei a estudar no Colégio Dom Bosco Cidade Alta. Fiz o vestibular, passei e estudei um semestre de jornalismo na Pontifícia Universidade Católica (PUC) em Campinas. Era muito jovem, por uma série de motivos voltei para Piracicaba. Fiz seis meses de curso e entrei na Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ), no curso de agronomia. Isso foi em 1986. No final de 1988 meu pai foi transferido novamente para a Philips de São Paulo, uma parte do setor administrativo ia para São Paulo e outra parte para Manaus. Esse finalzinho de ano eu fiquei na casa de uma amiga, em Piracicaba. Quando ingressei na Agronomia fui morar em uma república, chamava-se "Casa Verde". Quando fui morar, ela estava no bairro São Judas. Essa república mudou várias vezes de locais, existe até hoje em outro endereço.

**Quantas alunas residiam na república?**

Chegamos a morar em oito, na média as casas tinham dois banheiros, mas chegamos a morar em uma casa com um banheiro só. Era muito dividido, foi uma época em que tínhamos montava com o que tínhamos sobrando, não tínhamos telefone, celular, computador, não tinha dinheiro. A geladeira nós ganhávamos de alguém que não queria mais, o sofá que quase não dava para sentar, se tivéssemos sorte tínhamos uma televisão. Fogão, os demais móveis, eram sempre tudo muito usado.

**Qual era o seu meio de transporte para a ESALQ?**

Bicicleta. No máximo a distância era de dois quilômetros da escola.

**Você formou-se em que ano?**  
Em 1993 formei-me como Engenheira Agrônoma.

**Exerceu a profissão?**

Ingressei a trabalhar em Holambra, em uma empresa de mudas de crisântemo em uma empresa que hoje se chama Van Zanten Schoenmaker, trabalhei também em uma unidade de Arthur Nogueira e outra unidade de Santo

Antônio de Posse, eu era coordenadora de produção. Estava responsável naquela época por mudas de crisântemo.

**Morar em Holambra deve ser muito interessante?**

Foi muito gostoso, foi muito bom, naquela época cheguei a morar em Holambra e em Arthur Nogueira. Lembro-me que em Holambra a minha casa tinha uma lareira, que era utilizada possivelmente uma vez ao ano, mas era charmoso entrar na sala e ter uma lareira. Nesse período todo eu morava sozinha.

**Você chegou a se casar?**

Em 1997 eu me casei com um holandês que conheci em Holambra. O casamento civil foi na Holanda, fui para lá. A família do meu primeiro marido era de Groningen, um estado ao norte da Holanda. Casamos em uma pequena cidade desse estado.

**Como é o casamento na Holanda, igual ao do Brasil?**

Totalmente diferente! Escolhemos uma juíza de paz, que falava inglês, meu pai e minhas irmãs foram para a cerimônia e o casamento civil na Holanda. Queríamos que todos entendessem. A juíza na semana anterior foi até a casa dos meus sogros, conversou conosco, quis saber sobre nossos hábitos, costumes, como nos conhecemos, como era a nossa história. No dia da cerimônia ela vestiu uma beca, com chapéu de juiz e contou toda nossa história. A cerimônia é realizada na prefeitura. As noivas holandesas vão com vestido de noiva no casamento civil, como eu tinha a minha cultura de não usar vestido de noiva no civil, fui com vestido social. Após ela falar sobre nós, disse-nos umas palavrinhas em português, ela estudou português, descobriu como falar algumas coisas em português. No final ela disse: "Declaro que vocês estão casados" pega o martelete de madeira e bate sobre uma mesa. Assinamos um livro pequeno, que é a certidão de casamento, os padrinhos assinam, é uma cerimônia em que você pode levar alguns convidados, fica em uma sala bonita. Se quisermos, podemos sair de lá e ir para uma recepção. O casamento religioso foi no Brasil, em São Paulo. Uma característica própria da Holanda é que eles dão o nome para a pessoa como por exemplo Mariana Cortes. Brunsos, só que eles dão um tipo de apelido, um nome de chamada, como Maarten, são apelidos que não tem nenhuma ligação com o nome.

**Você fala holandês?**

Muito pouco! Ficamos na Holanda só na época do meu casamento, depois voltamos para o Brasil fomos morar no nordeste, fomos para Alagoas, Maceió. Eu tinha uma irmã que já estava morando lá há algum tempo, fomos passar uns dias lá, nos encantamos com o lugar e visualizamos uma oportunidade de negócio. Todo mundo lá só tinha em casa flores de plástico, adquirimos um sítiozinho em Chã de Maceió, montamos uma estufa, e começamos a produzir flores. Em vaso e um pouquinho de flor de corte. Tínhamos um pouco e a irrigação. Fizemos um sistema de irrigação por espaguete. Ficava um pouco caro porque trazia todo meu material de Holambra: vaso, irrigação, muitas vezes até o adubo, já que não havia para a irrigação. Ficamos lá dois anos e meio mais ou menos. Foi muito difícil no começo, eu tinha um estande dentro do supermercado Bompreço, ficava o tempo todo ao lado do estande, mostrando as plantas. Tinha que implantar a cultura de ter plantas naturais dentro de casa. Abastecemos a rede Bompreço, eram oito lojas, em uma delas tínhamos um estande bem bonito. Tínhamos um quiosque dentro do Shopping, fornecíamos flores para outras floriculturas que ficamos lá, recebi um rapax na minha chácara, ele era ali da cidade, e propôs vender flores em uma barrquinha na estrada, mediante uma comissão, na porta da nossa chácara. Ele chamava-se Antônio. Fizemos isso, embora eu tivesse alguma dívida se alguém iria



parar na estrada para comprar flor. Construí uma barrquinha fixa, tirando o supermercado ali era o meu maior ponto de venda. Parava muita gente, a chácara era na beira da pista. Os negócios iam bem. Mas eu sentia muita falta da minha avó Helena, do meu pai. Pensei muito e decidi voltar para São Paulo. Eu tinha uma amiga em São José do Rio Preto que tinha uma empresa também de produção de mudas, já tinha trabalhado comigo em Holambra e me chamamos para vir para cá. Vimos para São José do Rio Preto, ficamos lá mais um ano, foi ali que terminamos nosso casamento. De São José do Rio Preto vim para Campinas, para a casa do meu pai, fiquei com ele um ano e meio e depois voltei para São Paulo. Fui trabalhar em uma empresa de pesquisa de mercado agrícola a Kieffmann e Partner Assessoria e Mercado Agrícola. Era um trabalho que eu gostava muito de fazer. Permaneci de 1997 até 2002.

**As noivas holandesas vão com vestido de noiva no casamento civil**

**Quanto idiomas você fala?**  
Além do português, inglês e espanhol.

**Você casou-se de novo?**

Casei-me com Sérgio Luis Friaes com quem tive duas filhas Júlia e Clara. Voltei para Piracicaba onde fui trabalhar em uma empresa chamada Rigran, onde fazia assistência técnica para ela no Estado de São Paulo. Viajava muito nessa época. Era um produto de alta tecnologia para agricultura: pesadas: adubação, mollicionadores de solo.

**Como foi seu ingresso no Conselho Regional de Engenharia e Agronomia (Crea)?**

Eu tinha prestado um concurso, passei e fui chamada. Minha lotação hoje é Araraquara. Atualmente estou como chefe da unidade do Crea de Araraquara abrangendo mais de 30 cidades. Além de Araraquara temos mais seis unidades menores.

**O que é o CREA?**

O CREA é o Conselho Regional de Engenharia e Agronomia, a Arquitetura saiu já há alguns anos, antigamente ela pertencia ao CREA, atualmente ela tem um conselho só dela que é o Conselho de Arquitetura e Urbanismo (CAU). O CREA é um regulador da profissão e um fiscalizador também. A nossa base é a fiscalização.

**Quais são problemas mais comuns que o CREA encontra?**

São obras irregulares e empresas que acham que não precisam de registro no CREA. Não só na área civil, mas também na área elétrica, mecânica, geologia, geografia, uma mineradora tem que ter registro no CREA.

**Como o CREA consegue fiscalizar esse universo de forma?**

O CREA exerce uma fiscalização ad-

ministrativa. Buscamos o responsável técnico por toda e qualquer situação. Temos câmaras especializadas, com nossos conselheiros, são profissionais das áreas respectivas. Quem dita as regras normativas é o Conselho Federal de Engenharia e Agronomia (Confea). Fica em Brasília, ele sim dá decisões plenas, decisões normativas, e que nos instrui dessa maneira.

**Toda construção necessita de um responsável técnico?**

Se você for construir uma casa simples, em um bairro simples, precisa ter um engenheiro. É ele quem vai garantir a segurança da sua obra. A pessoa pode até dizer: "Mas o meu pedreiro é bom! Conhece mais do que engenheiro!". Só que se acontecer algum problema o responsável não é o pedreiro e sim o dono do imóvel. Porque não tem nenhum técnico ali! Isso pode acontecer em bairros mais retirados, ou até mesmo em uma reforma. As pessoas não têm noção do risco que muitas vezes correm e oferecem à terceiros. O engenheiro fica no mínimo 20 anos responsável pela sua casa.

**As construtoras de porte maior seguem as regras do CREA em sua totalidade?**

As construtoras maiores são mais preocupadas com toda essa legalização, já que entendem muito bem o que pode oferecer riscos e que ela precisa fazer de maneira regular. Já as menores não costumam ter conhecimento técnico mas aparentemente tem conhecimento técnico mas quando conhece na prática. Diante de um problema ou situação nova ele não improvisar uma solução que pode ou não funcionar. Além da ilegalidade, as pessoas não estudam a toa. Não vamos a um consultório médico querendo ser atendido pelo farmacêutico, não que farmacêutico não tenha o seu valor, quando vou a um médico eu quero que um médico me atenda. Hoje a questão ambiental é muito forte, você não pode de maneira alguma sair extraindo areia, pedra, argila, à bel prazer.

**Com relação a acidente com funcionário qual é a atuação do CREA?**

Assim que ocorre o sinistro, o CREA vai ao local e levanta todos os dados, de toda a situação, quem estava como responsável, há o levantamento documental da manutenção do objeto que provocou o sinistro, pelo cenário dos fatos. Tudo é documentado, pode tornar-se um processo dentro do CREA, vai para a Câmara de Ética, e eles definem a punição ou não do profissional responsável. Nos casos de sinistro, invariablymente acaba indo para o Ministério Público por outras vias, até mesmo por vias criminais, o Ministério Público sempre requisita o processo do CREA para embasar tecnicamente o processo movido por ele.

**O profissional pode sofrer punições dentro do CREA?**

Ele pode até mesmo perder o próprio diploma, o próprio registro. Hoje nós temos uma gestão dentro do CREA

que assumiu em setembro do ano passado, a gestão do Engenheiro de Telecomunicações Vinícius Marchese Marinelli de visão extremamente responsável e transparente. Bastante jovem, tem muita energia, uma pessoa focadíssima, tem uma postura de muita regularidade. Ele dá para nós chefes e gerentes essa força, de estar trabalhando em um órgão muito responsável. Que quer fiscalizar, fazer as coisas funcionarem.

**Vemos em muitos setores, como judiciário, legislativo, executivo, órgãos de classe, que aos poucos estamos mudando positivamente graças as novas gerações. Isso é altamente positivo para o país.**

Muito positivo! Todos nós estamos sentindo essa diferença muito fortemente. Vemos esse gás novo chegando, isso é ótimo! Prazer é grande! Tem que cumprir! Ir atrás! O Conselho está andando de uma maneira muito mais dinâmica. Hoje podemos notificar, multar, multar de novo.

**Esas multas são pesadas?**

Depende da infração! Podem variar de R\$ 500 até R\$ 6.000, na reincidência o valor é dobrado. Hoje isso é cobrado de uma maneira muito mais eficaz se a pessoa não estiver na linha.

**O CREA é um órgão público?**

É uma Autarquia Pública Federal. Tem todas as características de um órgão público mas não depende dos recursos financeiros da União. A Engenheira Civil Maria Edith Santos, Superintendente de Fiscalização é funcionária de carreira.

**O engenheiro fica no mínimo 20 anos responsável pela sua casa**

**Piracicaba tem uma unidade do CREA?**

Tem, é o Edson Ricci do Carmo, chefe da Unidade CREA. Ele é técnico, todos os técnicos da área devem se filiar ao CREA. A única exceção é o Técnico de Segurança do Trabalho.

**Você casou-se novamente?**

Em 2009 eu acabei me divorciando do pai das filhas. Em 2010 eu conheci meu atual marido, José Paulo Simões, na realidade já nos conhecemos desde a adolescência, ele se casou com uma colega de turma do terceiro colegial, teve uma filha, a Amanda, hoje com 19 anos, separou-se, nunca mais o vi não me lembro dele dessa época. Acabei o reencontrando, eu já estava divorciada, em novembro de 2016 nos casamos. Tenho uma relação excelente com a ex-mulher dele, a Kelly que é uma pessoa incrível. Eu poderia mudar para Araraquara, mas não quero tirar o que as minhas filhas já têm aqui, amigos, escola, avós paternos, mãe e pai do meu ex-marido a Dona Sonia e Seu Hélio, são pessoas maravilhosas. Avós maravilhosos que fazem de tudo para essas netas.

